

# **O EDUCADOR NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: CONHECIMENTO E AFETIVIDADE PARA O CIDADÃO DO 3º. MILÊNIO**

**Ana Rosa Vidigal Dolabella**

## **Resumo**

Para tratar do tema em questão, optamos por adotar a perspectiva de relacionar o tratamento da informação e a produção do conhecimento; o desenvolvimento da cognição e da afetividade; a linguagem como discurso, inserida nas práticas sociais e o patrimônio sócio-cultural como elementos importantes na abordagem do papel do profissional da educação nos novos tempos – aquele que permite a construção de uma nova cidadania baseada no aprimoramento das relações humanas.

## **Introdução**

Na obra *Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna – Novas Tecnologias sobre o Mundo Contemporâneo*<sup>1</sup>, Kumar afirma que “a informação é um requisito para nossa sobrevivência”(p.19). Por esse ponto de vista, o profissional da Educação – educador, pedagogo ou psicopedagogo - tem o papel de educar para a sociedade da informação, considerando informação como “um requisito” para a vida em sociedade no 3º. milênio.

O que seria, então, educar para essa nova realidade? Dois passos nesse caminho, nessa direção, a nosso ver: primeiro, compreender a noção de informação e suas práticas sociais e culturais; segundo, compreender a importância da transformação da informação através da interação oral dialogada na sala de aula, e a compreensão do processo de aprendizagem como fusão entre afeto e cognição.

## **Linguagem, discurso e cognição**

Considerando “informação” um conjunto de dados sobre uma realidade, podemos pensar a linguagem como realização material desse conjunto de dados. Se tomarmos a língua enquanto sistema, estrutura, e a linguagem enquanto uso funcional desse sistema, é preciso ainda considerar a interdependência dessas duas noções, ressaltando que ambas fazem parte de um mesmo continuum, que se influencia mutuamente e pressupõe uma terceira noção: a noção de discurso.

Podemos afirmar que uma das principais contribuições da Linguística na questão da comunicação é considerar a linguagem como discurso. Isso pressupõe conceber o uso da língua em uma determinada situação comunicativa, dependente das condições situacionais e das práticas sociais que a definem. Dessa forma, também os aspectos discursivos serão constituintes da informação veiculada, não só a língua.

Saber ler/reconhecer as estratégias discursivas de um texto qualquer (fonte de informação) é o desenvolvimento de uma habilidade bem mais complexa do que simplesmente a codificação e decodificação da língua. Além disso, o educador tem a função de promover a leitura como identificação de estratégias discursivas, ou seja, transcender a alfabetização até chegar à noção de letramento, como usos sociais da leitura, escrita e das práticas de interação oral<sup>2</sup>. É muito importante frisar neste ponto a questão da “leitura” de estratégias como também a escuta, no discurso oralizado. Vivemos em uma sociedade em que os usos da leitura/escrita

e da oralidade são concomitantes. Portanto, faz-se necessário conhecer também o discurso daquele que nos “fala”.

A partir dessa “leitura de mundo” ampla e complexa sugerida pelo letramento, ainda existe nessa prática, não só a identificação do texto, em suas particularidades, mas também do portador de texto, ou seja, do veículo por onde é transmitida a mensagem: um folder, uma publicação científica, um programa humorístico na TV, uma revista de variedades... Cada portador de texto terá suas especificidades e influenciará na “leitura” que faremos das informações veiculadas. Além disso, é importante ressaltar a identidade dos interlocutores, isto é, seu papel psicossocial e suas representações, um para o outro. O discurso ou a “fala” de uma dona de casa pode não apresentar um valor de credibilidade ao comentar a nomeação de um político a um cargo público, mas pode mostrar-se de grande valor informativo se a mesma foi testemunha de alguma conversa escusa que tenha indicado algum tipo de corrupção nessa situação, por exemplo. Além das identidades dos interlocutores, também são importantes o propósito e a intencionalidade, ou seja, do que se fala/escreve e para que se fala/escreve. Essas condições são chamadas de condições enunciativas por analistas do discurso<sup>3</sup>, na medida em que determinam as condições enunciativas de uma situação de comunicação. Essas condições enunciativas, acreditam esses teóricos, vão definir todo o sentido da mensagem ou da informação; já que o sentido é percebido, nessa perspectiva, como uma co-construção entre os interlocutores.

Voltando a nossa questão-foco nesse texto, acreditamos que o educador é responsável, em primeiro lugar, pelo processo de ensino-aprendizagem de transformação da informação-mensagem em conhecimento. Saber decodificá-la, saber interpretá-la, saber reconhecê-la, mas também saber selecioná-la, saber encontrá-la, saber usá-la para seus próprios fins. O “manejo” da informação, esse bem de valor na sociedade atual deve ser ensinado/aprendido na escola; local privilegiado do conhecimento formal, mas igualmente em outros espaços educativos. “Manejar”, portanto, significa, nessa perspectiva, saber lidar, tirando o proveito adequado e suficiente para uma determinada situação social. Mas, não pára nesse ponto. Além de lidar bem com a informação é preciso transformá-la. Saber fazer a transformação da informação é uma ferramenta cognitiva de grande importância para o sujeito se tornar um cidadão efetivo. A cidadania exige participação no espaço da coletividade, portanto, exige habilidades e competências que são necessárias para a sobrevivência no espaço social: a primeira delas – lidar com a informação.

Um exemplo bastante claro é a questão do exercício da argumentação como atividade (psico)pedagógica que pode ser promovida pelo educador. Não basta conhecer a língua materna, no caso o português, em suas questões sintáticas, morfológicas, semânticas. É preciso usar dessas informações na prática cotidiana do uso da língua. Ou seja, se usamos a língua para nos comunicar e, portanto, usando estratégias, precisamos transformar a informação lingüística em conhecimento lingüístico: os modos de organização do discurso nos permitem, por exemplo, argumentar, descrever, narrar, etc, quando a situação comunicativa se mostra adequada para isso. Fazer escolhas, selecionar, colocar em ação e então refletir sobre os resultados e redirecionar essa ação, isso sim é conhecimento, não mais informação.

### **Afeto, cognição e interação**

Diante disso, chegamos ao segundo passo no caminho para a educação na sociedade atual: transformar a informação em conhecimento, ativando assim nossa cognição, é um processo que não acontece sozinho. A cognição é aliada ao afeto, no sentido da construção da identidade do sujeito. Muitos estudos<sup>4</sup> nessa área indicam como o afeto tem uma função crucial no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, na cognição, na construção do conhecimento. Sem afeto, não há construção do indivíduo enquanto tal, e assim não há construção do sentido de autoria, ser autor de si mesmo, de sua aprendizagem, de sua identidade enquanto cidadão.

O afeto, na aprendizagem, acontece através da interação com o outro. Da possibilidade de se perceber o outro como um interlocutor acolhedor, mediador, condutor, guia, orientador. A interação oral dialogada, sem dúvida, é o principal tipo de interação que proporciona esse tipo de “conhecimento”. Trocar idéias, saber falar e saber ouvir, saber discordar sem ofender são conteúdos atitudinais ressaltados nos PCN de Língua Portuguesa, por exemplo, como assuntos para o currículo dessa disciplina. Isso nos indica que um processo de ensino-aprendizagem precisa ser inteiro, envolver conceitos sim, mas também procedimentos e atitudes que possibilitem a plenitude nesse processo.

Como desenvolver a interação oral dialogada na sociedade de informação em que vivemos? Vivemos uma sociedade de informação que não se comunica, pois comunicar, no sentido verdadeiro do termo, exige tempo, dedicação e comprometimento. A noção de “tempo”, na sociedade da informação, já é outra. “O senso de tempo religiosa e culturalmente, que fora orientado para a continuidade e para o passado, agora, sociologicamente, tornou-se atrelado ao futuro” (Bell, 1980 apud Kumar, 1997: p. 23). Nos falamos por e-mail porque achamos mais conveniente do que procurar o interlocutor para conversar. Até o telefone já está em segundo plano. E por que não usar uma tecnologia que evita desencontros (não é preciso sair procurando esse outro alguém, “perdendo tempo” com isso), evita interrupções (o outro não poderá imediatamente discordar, quem comanda a interação é quem passa o e-mail, não tem turno de fala para administrar, não tem negociações, “perdendo-se tempo” com isso); evita colocar-se no lugar do outro (para nós, o máximo da habilidade comunicativa e verdadeiramente interativa; haja “tempo pra perder” com isso!). Então, a pergunta: em que lugar se encontra a interação oral dialogada na nossa sociedade da informação?

Esse, a nosso ver, é um papel importantíssimo do educador. Talvez o passo mais importante para a “sobrevivência” plena nessa sociedade da informação. O educador é responsável por se criar condições adequadas para a interação oral dialogada na escola e em diferentes espaços sociais. O educador é o mediador por excelência para a aquisição de habilidades de interação. Como se poderia aprender a interação com qualidade na nossa vida cotidiana?

Onde estão os encontros familiares, em que se conversava ao redor da mesa e não cada um em um canto da casa, vendo TV ou interagindo no computador? Onde estão as histórias antes de dormir e as conversas sobre essas histórias em outros momentos cotidianos nas casas? A tradição oral, a identidade, a origem, o encontro de gerações nas narrativas e nas ficções se perdem na sofisticação dos meios de comunicação.

Na obra *A Sociedade Global*<sup>5</sup>, Otavio Ianni aponta, nesse sentido, uma praxis humana ricamente constituída de diferentes patrimônios sócio-culturais (p.63) e, por outro lado, um pathos do processo civilizatório da sociedade atual, responsável, em certa medida, pelo desenraizamento dessa praxis; “é como se a

racionalidade inerente a esse modo de produção material e espiritual constituísse progressivamente tudo à sua imagem, subordinando as coisas, as gentes e as idéias” (p.65).

Dessa forma, ainda que os povos indígenas, por exemplo, têm desenvolvido inúmeras tecnologias e artes, o desenvolvimento mundial implica em um desastroso manejo do meio ambiente.“[...] alguns cientistas estão começando a reconhecer que o mundo está perdendo uma enorme quantidade de conhecimentos básicos, quando povos indígenas perdem as suas culturas e tradições [...] uma parte significativa dos produtos materiais e espirituais desta praxis perdeu-se; ou encontra-se depositada em bibliotecas e museus, como relíquias do outro mundo” (p.63).

Não só a tradição oral de culturas antigas, como a dos índios, mas nossa cultura cotidiana, feita da história do dia-a-dia da nossa sociedade é também significativa nesse processo. Em relação ao núcleo familiar, por exemplo, parceiro no processo de ensino-aprendizagem, tem grande importância nessa questão.

Pesquisas realizadas<sup>6</sup> no Brasil apontam o significativo o papel da família na interação dialogada com os filhos e nos resultados benéficos que isso traz para a aprendizagem formal deles. Os melhores desempenhos escolares são de sujeitos que têm o canal da afetividade/oralidade ligado ao canal da cognição/construção do conhecimento. Outras pesquisas<sup>7</sup> no exterior demonstram os mesmos resultados: o letramento em sujeitos em ambientes extra-escolares e sua sociabilidade decorrente apontam para um aproveitamento mais rico do processo de ensino-aprendizagem formal que acontece na escola. Especialistas<sup>8</sup> também tratam do assunto. A escola e o educador, principalmente, são os responsáveis também por guiar os pais, parceiros do processo de ensino-aprendizagem, nessa sobrevivência na sociedade da informação.

Além disso, para nos atermos também na questão cognitiva, estudos<sup>9</sup> indicam a importância da interação oral dialogada na sala de aula, através do estímulo a trocas interativas pela argumentatividade. Argumentar é uma habilidade complexa que exige a ativação de diferentes outras habilidades e está muito próxima do verdadeiro sentido da interação, na medida em que pressupõe ativa participação dos interlocutores entre si e a conscientização plena das condições de enunciação da situação comunicativa para que seja bem sucedida.

### **Considerações finais**

Dessa forma, o que nos parece encontrar hoje, na sociedade da informação, é um acúmulo de informações, mas pouco conhecimento e pouca sabedoria, no sentido de patrimônio sócio-cultural. A informação é excessiva porque temos muitas fontes de dados hoje, em nossa sociedade: desde a televisão em casa, a internet, as publicações cotidianas (jornais, publicidade, livros em geral), até publicações específicas (técnicas). Por outro lado, um tratamento de toda essa informação não está sendo feito; e nesse ponto, ressalta-se o papel do profissional da educação. Além das estratégias pontuais de transformação da informação em conhecimento formal, também se mostra papel do profissional da educação criar estratégias para a manutenção das fontes geradoras do conhecimento, ou seja, as instâncias de interação oral dialogada, que aliam cognição e afeto, na construção do sujeito enquanto membro cidadão da sociedade do 3º. milênio, mas acima de tudo, autor de sua própria sobrevivência individual e coletiva.

- 1-KUMAR, Krishan. Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna – Novas Tecnologias sobre o Mundo Contemporâneo. RJ: Jorge Zahar Editor, 1997.
- 2-SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. BH: Autêntica, 2001.
- 3-CHARAUDEAU, p. Grammaire du sens et de l'expression. Paris: Hachette, 1992.
- 4- Por exemplo, aqueles descritos em O erro de Descartes, de Antônio Damásio.
- 5-IANNI, O. A Sociedade Global. RJ: Civilização Brasileira, 1999.
- 6-VEJA, 11/9/2001. Artigo de Cláudio Moura Castro: Escolha seus pais com cuidado.
- 7-MATENCIO, Maria de Lourdes M. Leitura, Produção de textos e a escola – reflexões sobre o processo de letramento. Mercado das Letras, 2000.
- 8-COLL, C. & TEBEROSKY, A . COLEÇÃO APRENDENDO/ GUIA DE USO. ED. ÁTICA.
- 9-BARBOSA, Marly. O lugar da discussão oral argumentativa na sala de aula: uma análise enunciativo-discursiva. PUC/SP, 2001. Dissertação de mestrado.

### **Referências bibliográficas**

- BARBOSA, Marly. O lugar da discussão oral argumentativa na sala de aula: uma análise enunciativo-discursiva. PUC/SP, 2001. Dissertação de mestrado.
- CASTRO. Cláudio Moura. Escolha seus pais com cuidado. Revista . VEJA, 11/9/2001
- CHARAUDEAU, p. Grammaire du sens et de l'expression. Paris: Hachette, 1992.
- COLL, C. & TEBEROSKY, A . COLEÇÃO APRENDENDO/ GUIA DE USO. ED. ÁTICA.
- IANNI, O. A Sociedade Global. RJ: Civilização Brasileira, 1999.
- KUMAR, Krishan. Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna – Novas Tecnologias sobre o Mundo Contemporâneo. RJ: Jorge Zahar Editor, 1997.
- MATENCIO, Maria de Lourdes M. Leitura, Produção de textos e a escola – reflexões sobre o processo de letramento. Mercado das Letras, 2000.
- SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. BH: Autêntica, 2001.

Publicado em 04/09/2007 11:21:00